O FITEI NO TNSJ

TEATRO NACIONAL S.JOÃO

“As decisões que tomamos individualmente influenciam tudo o resto”

Excertos de uma conversa com **TERESA COUTINHO.***

Eu tinha já lido alguns dos textos mais longos e mais icónicos da Caryl Churchill, em momentos diferentes da minha vida – *Uma Boca Cheia de Pássaros*, *Sétimo Céu* –, porque a dada altura comecei a querer encontrar mais autoras mulheres, dramaturgas. E ela é uma dramaturga imensa, apesar de eu achar que há uma discrepância entre a dimensão que ela tem e depois o espaço que tem no nosso palco.

Caryl Churchill é altamente económica. Diz-nos o suficiente para nos fazer perceber que há qualquer coisa em marcha, qualquer coisa a acontecer, mas também não nos diz o suficiente para podermos fazer juízos de valor com certezas. Isso é logo muito interessante. Uma das coisas que mais me encantaram quando li o texto foi esta sensação do outro que vigia, que não está na cena mas que é evocado. Há essa questão de um olhar de cima, que controla mais do que nós, que nos domina – e que está muito presente, não tendo só que ver com estes últimos anos –, esta questão do poder sobre o indivíduo, da limitação das liberdades e do medo. Com a pandemia e os discursos políticos que nos estão agora, infelizmente, muito próximos, ainda mais atual o texto me parece.

Há mais para além do texto neste objeto. E o que queria, criando pontos de apoio, era reforçar coisas que estão no texto, respeitando-o, mas sem grandes reservas, sem abdicar do meu olhar autoral, justamente porque quero comunicar com o momento que estamos a viver. Os três quadros são suficientemente autónomos para poderem existir num espetáculo que permite uma relação intérprete-público muito direta e, portanto, que pode estabelecer logo à partida um certo desconforto. Pensei desde muito cedo que o espetáculo trabalharia com a questão arena e espaço exterior – não gosto da expressão “fora de cena” porque acho que tudo é cena – ou, se quisermos, a parte do jogo e a parte de quem está a assistir, e fazer dos intérpretes também espectadores.

Distante, para mim, tem que ver com aquilo que está longe de nós e por isso podemos ignorar, e não nos cabe nem corrigir, nem ajuizar. E também há o distante entre as personagens, ou seja, quis trabalhar efetivamente a distância. Aquela arena é grande e os corpos estão ali um bocado abandonados. E esta ideia de não haver mais nada a não ser estes corpos e a tentativa de comunicar – e dessa comunicação muitas vezes falhar. Nunca a informação nos é dada totalmente, nem a nós público, nem entre eles. E daí chegarmos a outro ponto que acho muito interessante na peça e no espetáculo, que é: de que lado estamos nós, espectadores?

Queria trabalhar a fisicalidade dos atores e o corpo, o estar do corpo em cena, trabalhá-lo com alguma minúcia. E queria que a parada [dos prisioneiros] rompesse, também a nível da linguagem, com o que estamos a ver, porque nos aproxima do que vemos quando vemos a televisão, a bidimensionalidade que a tela confere ao conteúdo que oferece e que é o contrário do teatro: o lugar do tridimensional. Daí a ideia de transformar a parada numa coisa que é vista pelos intérpretes e pelo público na mesma igualdade de circunstâncias. Os intérpretes também veem a parada, não fazem a parada, e daí ser um trabalho feito em vídeo. O vídeo funciona como uma espécie de peça única que entra e nos dá a ver o contraste entre o corpo abandonado e desvitalizado e aquilo que é *entertaining* – o chapéu gigante que pretende ser espalhafatoso e bonito e atrair a atenção, distrair do essencial: a morte do corpo.

A compreensão do indivíduo, o seu estado de alerta, podem ter força, capacidade de mudança. Não é que isso aconteça na peça, mas acho que é sempre sobre isso, também, que a Caryl Churchill está a falar. Como é que as decisões que tomamos individualmente influenciam tudo o resto. Influenciam também porque compactuamos, porque não questionamos, porque alinhamos. Não é que ela crie, sequer, grandes momentos de heroísmo, não há aqui heroísmo nenhum, há só personagens a compactuar. E é com isso que ficamos no fim: a dúvida.

* Conversa com **Maria João Guardão**, realizada a 5 de maio de 2021, publicada originalmente no programa de sala de *Distante* do Teatro Nacional D. Maria II.

TEATRO CARLOS ALBERTO
11+12 MAIO
QUA+QUI 19:00

DISTANTE

TEXTO **CARYL CHURCHILL**
CRIAÇÃO **TERESA COUTINHO**

TRADUÇÃO
PAULO EDUARDO CARVALHO

DESENHO DE LUZ
DANIEL WORM D’ASSUMPÇÃO

CENOGRAFIA
ÂNGELA ROCHA

FIGURINOS
INÊS ARIANA

COREOGRAFIA E MOVIMENTO
TERESA COUTINHO

VÍDEO
LÚCIA PIRES

SONOPLASTIA
LÚCIA PIRES
TERESA COUTINHO

APOIO À CRIAÇÃO
LÚCIA PIRES

APOIO AO MOVIMENTO
TÂNIA CARVALHO

MECANISMOS DE CENA
ANTÓNIO QUARESMA

ASSISTÊNCIA DE CENOGRAFIA
MADALENA GARCIA

PRODUÇÃO EXECUTIVA
CLÁUDIA TEIXEIRA

Pele com pele

Conversa entre **FERNANDO EPELDE** e **MARTA PAZOS.**

FE Na minha opinião, *Othello* é uma das obras de Shakespeare que abordam temas mais sangrentos. Porquê a tua insistência em mergulhar-nos na comédia?
MP Entendo esta peça como um movimento entre duas forças opostas: verdade e mentira, delicadeza e força bruta, luz e escuridão, esferas pública e privada, amor e ódio. Pareceu-me natural seguir essa relação de opostos quando comecei a pensar na encenação. A história de violência sexista em *Othello* é tão penosa para mim que, intuitivamente, a comédia me surgiu como ferramenta para a poder digerir e confrontar. A comédia é impiedosa, um espaço onde se pode falar das verdades mais cruéis.

A tua interpretação do texto realça em especial um aspeto epidérmico. É como se tivesses transformado a cena em pele. Sinto-me muito confortável em escrever nela. Fala-nos sobre isto.
Quanto às duas questões principais que esta adaptação aborda, a islamofobia e a violência contra as mulheres, enquanto artista compreendo a segunda, mas não tanto a primeira. Aqui estamos, tu e eu, ambos espanhóis, brancos, de classe média, a levar o conflito racial à cena. É absurdo. Senti desde o início que o centro desta abordagem deveria ser um debate sobre a pele. O próprio confronto com a história exigia que eu tratasse este assunto de forma muito fina e de poros abertos. Queria transferir essa exigência para a cenografia. A cor é um elemento fundamental no meu trabalho e o *pantone* da pele humana levanta questões complexas de estatuto, de estigma, de política… É perverso julgar pessoas pela sua epiderme, sem sequer as conhecer.

A escolha do elenco e a importância da reversão de género conduziram-me a outras visões tuas de Shakespeare. Diria que, nesta encenação, foste mais radical que nunca. De onde vem toda essa rebeldia? Parece-me que desta vez, para além das questões abordadas, nos levaste a confrontar uma deliberada iconoclastia.
Queríamos criar uma versão que nos permitisse viver por um tempo no universo das mulheres desta peça, abrindo-lhes um espaço. Isso implica estender o drama das personagens femininas a todo o elenco. E isso leva-nos a colocar também o tema da identidade em discussão. O que é uma mulher? É claro para mim que essa condição não depende em nada da genitália. Quis relacionar-me com as personagens como se estas estivessem despojadas de pele e de género, conectando com a sua mais pura essência e o seu mais profundo conflito. Existem neste texto questões extremamente duras sobre a masculinidade, forçando-nos a puxar a linha que as revela como um problema sistémico. Tudo o que aprendi sobre relações humanas durante este processo fez-me descobrir outras faces do amor que, enquanto mulher heterossexual, nunca antes tinha considerado.

Trad. **Fátima Castro Silva**.

COMUNICAÇÃO
INÊS LAMPREIA

GESTÃO FINANCEIRA E ADMINISTRAÇÃO
VÍTOR ALVES BROTAS

INTERPRETAÇÃO
INÊS DIAS
INÊS VAZ
NUNO PINHEIRO
TÂNIA ALVES
E MARIA JOÃO VAZ
TANYA RUIVO (EM VÍDEO)

COPRODUÇÃO
AGÊNCIA 25
TEATRO NACIONAL D. MARIA II

PROJETO APOIADO POR
REPÚBLICA PORTUGUESA – MINISTÉRIO DA CULTURA, DIREÇÃO-GERAL DAS ARTES, SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES

ESTREIA
20 MAI 2021
TEATRO NACIONAL D. MARIA II (LISBOA)

DUR. APROX.
1:05
M/14 ANOS

TEATRO SÃO JOÃO
21+22 MAIO
SÁB 19:00 DOM 16:00

OTHELLO

A PARTIR DE **WILLIAM SHAKESPEARE**
ENCENAÇÃO **MARTA PAZOS**

VERSÃO CÉNICA
FERNANDO EPELDE

DESENHO DE LUZ
NUNO MEIRA

ESPAÇO CÉNICO
MARTA PAZOS

FIGURINOS
SILVIA DELAGNEAU

MÚSICA ORIGINAL
HUGO TORRES

COREOGRAFIA
MARÍA CABEZA DE VACA

ELOCUÇÃO
MIGUEL CUBERO

ASSISTÊNCIA DE ENCENAÇÃO
LUCÍA DÍAZ-TEJEIRO

ASSISTÊNCIA DE CENOGRAFIA
PABLO CHAVES MAZA

DIREÇÃO DE PRODUÇÃO
MONTSE TRIOLA

PRODUÇÃO ARTÍSTICA
JOSE DÍAZ

ASSISTÊNCIA DE PRODUÇÃO
VICENTE CONDE

INTERPRETAÇÃO
MARI PAZ SAYAGO
CHUMO MATA
ANA ESMITH
HUGO TORRES
DIEGO ANIDO
PABLO CHAVES

COPRODUÇÃO
VOADORA (ESPANHA)
MIT-RIBADAVIA (ESPANHA)
TEATRO DE LA ABADÍA (ESPANHA)
TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO

COM O APOIO DE
IBERESCENA E AGADIC – AXENCIA GALEGA DAS INDUSTRIAS CULTURAIS, CONSELLERÍA DE CULTURA E TURISMO DA XUNTA DE GALICIA

ESTREIA
15 MAI 2021
TEATRO DE LA ABADÍA (MADRID)

DUR. APROX.
1:30
M/16 ANOS

ESPETÁCULO EM LÍNGUA CASTELHANA, LEGENDADO EM PORTUGUÊS.

"Um novo sentido de humor"

Excertos de uma entrevista a **Guillermo Calderón**

Tenho escrito para cinema, mas sempre que volto ao teatro é como se pensasse nele de um ponto de vista cinematográfico e descubro coisas novas. Gosto de teatros e do que acontece quando as portas se fecham e as pessoas se sentam em silêncio. Sinto-me atraído por esse tipo de lugar e pela ideia de construir uma comunidade. É como uma estranha experiência espiritual, uma tradição milenar por que vale a pena lutar, uma chama antiga que não se quer esquecer.

Nos ensaios de *Dragón*, falámos muito sobre *Mateluna*, a peça e o processo, porque sentimos muita culpa. Culpa de estarmos a encenar uma outra peça, de não termos conseguido assegurar a liberdade de Jorge Mateluna [antigo *guerrillero* da Frente Patriótico Manuel Rodríguez], culpa de o sabermos preso enquanto trabalhávamos noutro projeto. Foi muito doloroso, porque tivemos de o deixar para trás, de o esquecer, de trair a causa.

Sobreveio uma crise, tanto no grupo como na minha escrita dramática. Tivemos de olhar para trás e de reavaliar o lugar do teatro, de onde vem, como se justifica e existe no mundo. Para além do fracasso e da dor que sentimos, essa crise revelou-nos uma espécie de novo ponto de partida para repensar o nosso trabalho. De alguma forma, *Dragón* é uma resposta a *Mateluna*, no sentido em que é o oposto. Tudo o que não pudemos fazer em *Mateluna* (rir, falar de outros assuntos, esquecer a urgência da realidade), fizemos aqui. Houve mais liberdade, jovialidade e humor. Regressei ao conceito de criatividade e à obra de artistas a braços com a questão da criação. E quis procurar um novo sentido de humor, uma renovada ideia de comédia. Voltei a momentos-chave da minha carreira em busca de um caminho, vendo onde me levaria.

”

ÓN.*

O Chile está a mudar, obrigando-nos a reconsiderar o que significa viver num país que recebe imigrantes. Consultei textos históricos que abordam o conceito de raça de um ponto de vista teórico, mas a raça não existe enquanto ideia, mas como realidade. Pesquisei como se interliga com os processos políticos e de classe, em particular na América Latina. *Dragón* inspira-se no que se passa no meu país e internacionalmente, a vinda de pessoas que não falam a língua nem conhecem a realidade no terreno, sem dinheiro nem documentos. Sobrevivem a custo, mas têm de enfrentar a violência da sociedade. Nesse sentido, é uma peça assustadora e desesperada, porque esta é atualmente uma questão que interpela o mundo inteiro.

Expressamo-nos por ideias, gozamos de privilégios, mas estamos conscientes do que se passa à nossa volta e questionamo-nos. Falar de pessoas em situação mais vulnerável e exposta do que a nossa é uma enorme responsabilidade. Perguntamo-nos como vamos falar delas sem lhes tirar as palavras da boca, sem as silenciarmos ou substituirmos as suas vozes. É uma permanente fonte de reflexão e de conflito para o grupo, uma questão que a peça problematiza. Comprometemo-nos a trazer estas reflexões para a cena, mas não temos a intenção de ser exaustivos, porque tenho a esperança de que algo aconteça – após tanta instigação, espero que, depois de terminada, a peça acenda uma discussão fora do próprio teatro.

* Entrevista de **Lorena Caimanque** realizada em maio de 2019.

Edição e tradução **Fátima Castro Silva**.

TEATRO SÃO JOÃO
14+15 MAIO
SÁB 19:00 DOM 16:00

DRAGÓN

TEXTO E ENCENAÇÃO **GUILLERMO CALDERÓN**

ASSISTÊNCIA DE ENCENAÇÃO
XIMENA SÁNCHEZ

CENOGRAFIA E DESENHO DE LUZ
ROCÍO HERNÁNDEZ

OPERAÇÃO DE LUZ E ASSISTÊNCIA DE CENOGRAFIA
MANUELA MEGE

FIGURINOS
DANIELA VARGAS

VÍDEOS
ALEX WAGHORN
LA COPIA FELIZ
XIMENA SÁNCHEZ

PRODUÇÃO
MARÍA PAZ GONZÁLEZ

INTERPRETAÇÃO
LUIS CERDA
CAMILA GONZÁLEZ
FRANCISCA LEWIN

COPRODUÇÃO
FUNDACIÓN TEATRO A MIL (CHILE)
TEATRO UC (CHILE)
THEATER DER WELT 2020 DÜSSELDORF (ALEMANHA)

ESTREIA
5 JUN 2019
TEATRO UC (SANTIAGO DE CHILE)

DUR. APROX.
1:30
M/12 ANOS

ESPETÁCULO EM LÍNGUA CASTELHANA, LEGENDADO EM PORTUGUÊS.

Fecundação e Alívio neste Chão Irredutível Onde com Gozo me Insurjo

HUGO CALHIM CRISTÓVÃO & JOANA VON MAYER TRINDADE

Fecundação e Alívio neste Chão Irredutível Onde com Gozo me Insurjo testa em dança o conceito de irredução. Na função de gozo e volúpia na revolta e na transgressão, destruidor de fronteiras pré-demarcadas e classificações que este implica. Confronta nele uma lógica de associação e imbricação, de conexões e osmoses que se articulam sob os verbos testar, resistir, estabilizar, desestabilizar, suceder, fracassar, des-interpretar, transgredir. Bem como testa a indistinção prática entre o que é do domínio das forças e das fraquezas (corpos que fecundam, aliviam, se deixam possuir, excretam, sofrem, suam, alimentam-se, extasiam-se, envelhecem, irreduzem) e o que é do domínio das razões e dos argumentos (corpos que pensam, classificam, abstraem, planeiam, julgam, teorizam, reduzem).

Associa esta dimensão filosófica de irredução e transgressão com o inssurecional político focado na tensão-atenção de prazer. Prazer aqui e agora, liberto de uma qualquer ética de produção cultural, cálculo cultural, mais-valia cultural, ou mesmo utopia cultural. A partir das dimensões filosóficas e políticas, testa ainda em dança a irredução das sexualidades, patologias e libidos, normatividade e perversão. E as irreduções da sanidade e da legalidade, do consenso e da norma, dos conformes e dos disformes. Ambas sob a égide do prazer e da volúpia de transgredir-agredir. Para a construção de uma ontologia prática que viva em cena o agónico não submetido.

Como é nossa marca, coloca ainda o tema em confronto com ressonâncias da literatura portuguesa. No caso, o experimentalismo (formal, político, poético) da obra multidisciplinar de Ana Hatherly (*Eros Frenético*, *O Mestre* e *Tisanas*). Com Hatherly e a poesia autodenominada "experimental" ou "concreta", de "vanguarda" ou até "poesia material", o lúdico, o formal, o barroco e o sensual transgridem-se e irreduzem-se. Derrubando e agredindo cisões-reducionismos entre texto e imagem, desenho e escrita, texto e performance, significante e significado, jogo e trabalho, afeto e conceito, desvio e regra, patologias e sanidade, devassidão e ascese. Praticando a arte como uma penetração concreta nos materiais usados. Uma trangressão-agressão que os torce, refaz, recombina, implode e recontextualiza, exila, tortura e extasia.

Para a desvinculação do coreográfico das categorias filosóficas de inutilidade e de juízo desinteressado. Relevando as dimensões pulsionais de fraquezas e de forças, e de ação crítica, em que a dança é prazer-necessidade e urgência agónica de plenitude.

MOSTEIRO DE SÃO BENTO DA VITÓRIA
19+20 MAIO
QUI+SEX 19:00

FECUNDAÇÃO E ALÍVIO NESTE CHÃO IRREDUTÍVEL ONDE COM GOZO ME INSURJO

DIREÇÃO, COREOGRAFIA, DRAMATURGIA E FORMAÇÃO
HUGO CALHIM CRISTÓVÃO & JOANA VON MAYER TRINDADE

MÚSICA E SONOPLASTIA
PAULO COSTA & NUISIS ZOBOP

DESENHO DE LUZ
PEDRO NABAIS

FIGURINOS
UN T

CENOGRAFIA
JÉRÉMY PAJEANC & NUISIS ZOBOP

TEORIA E FILOSOFIA
HUGO CALHIM CRISTÓVÃO, CELESTE NATÁRIO, CARLOS PIMENTA, CLÁUDIA GALHÓS, CLÁUDIA MARISA, EZEQUIEL SANTOS, HUGO MONTEIRO, RUI LOPO, MÁRIO CORREIA, ANA STELA CUNHA, JOÃO SOUSA CARDOSO, SOFIA VILAR

DESIGN
HUGO SANTOS

DESIGN PUBLICAÇÃO
EDUARDO FERREIRA

VÍDEO
ANDREA AZEVEDO E OS FREDERICOS

FOTOGRAFIA
JOÃO PEIXOTO, SUSANA NEVES, ALÍPIO PADILHA

PRODUÇÃO EXECUTIVA
PAULA CEPEDA & NUISIS ZOBOP

BAILARINOS
SARA GIL AGOSTINHO, BRUNO SENUNE

COPRODUÇÃO
CENTRO CULTURAL VILA FLOR – FESTIVAL GUIDANCE, THEATRO CIRCO, CENTRO CULTURAL DE BELÉM, ASTA-FESTIVAL CONTRADANÇA

RESIDÊNCIAS ARTÍSTICAS
TEATRO MUNICIPAL DO PORTO
CIRCOLANDO
FÁBRICA ASA
COMPANHIA INSTÁVEL
KALE/ARMAZÉM 22
CAMPUS PAULO CUNHA E SILVA
ACADEMIA DE DANÇA DE MATOSINHOS

RESIDÊNCIA DE COPRODUÇÃO
O ESPAÇO DO TEMPO

ESPETÁCULO SELECIONADO PARA A 7.ª EDIÇÃO DA PT.2I | PLATAFORMA PORTUGUESA DE ARTES PERFORMATIVAS / O ESPAÇO DO TEMPO

PARCERIAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA DA FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO, INSTITUTO DE SOCIOLOGIA DA UNIVERSIDADE DO PORTO, ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO PORTO, ESCOLA SUPERIOR DE MÚSICA E ARTES DO ESPETÁCULO, UNIVERSIDADE LUSÓFONA DO PORTO, CITCEM – CENTRO DE INVESTIGAÇÃO DA UNIVERSIDADE DO MINHO, FORUM DANÇA/BIBLIOTECA CAMÕES

PROJETO APOIADO POR
REPÚBLICA PORTUGUESA – MINISTÉRIO DA CULTURA/DIREÇÃO-GERAL DAS ARTES

ESTREIA
30 ABR 2021
CENTRO CULTURAL VILA FLOR (GUIMARÃES)

DUR. APROX.
2:00
M/16 ANOS

TEATRO SÃO JOÃO + TEATRO CARLOS ALBERTO + MOSTEIRO DE SÃO BENTO DA VITÓRIA
11-22 MAIO 2022

O FITEI NO TNSJ

FICHA TÉCNICA TNSJ

PRODUÇÃO EXECUTIVA **ALEXANDRA NOVO, EUNICE BASTO, MÓNICA ROCHA** DIREÇÃO DE PALCO **EMANUEL PINA** ADJUNTO DO DIRETOR DE PALCO **FILIPE SILVA** DIREÇÃO DE CENA **PEDRO GUIMARÃES** (COORDENAÇÃO), **ANA FERNANDES, CÁTIA ESTEVES, PEDRO MANANA** LUZ **FILIPE PINHEIRO** (COORDENAÇÃO), **ADÃO GONÇALVES, ALEXANDRE VIEIRA, JOSÉ RODRIGUES, NUNO GONÇALVES, MARCELO RIBEIRO** MAQUINARIA **FILIPE SILVA** (COORDENAÇÃO), **ANTÓNIO QUARESMA, CARLOS BARBOSA, JOEL SANTOS, JORGE SILVA, LÍDIO PONTES, PAULO FERREIRA, NUNO GUEDES** SOM **EMANUEL PINA** (COORDENAÇÃO), **ANTÓNIO BICA, JOEL AZEVEDO, JOÃO OLIVEIRA, LEANDRO LEITÃO** VÍDEO **FERNANDO COSTA** (COORDENAÇÃO), **HUGO MOUTINHO**

APOIOS TNSJ

APOIOS À DIVULGAÇÃO

AGRADECIMENTOS TNSJ

CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO
POLÍCIA DE SEGURANÇA PÚBLICA
MR. PIANO/PIANOS RUI MACEDO

EDIÇÃO
TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO

FOTOGRAFIA **JOÃO TUNA (EDIFÍCIO TEATRO SÃO JOÃO), FILIPE FERREIRA (*DISTANTE*), ESTRELLA MELERO (*OTHELLO*), EUGENIA PAZ (*DRAGÓN*), JVMT & HCC (*FECUNDAÇÃO E ALÍVIO...*)**
DESIGN GRÁFICO **SAL STUDIO**
IMPRESSÃO **GRECA ARTES GRÁFICAS, LDA.**

Não é permitido filmar, gravar ou fotografar durante os espetáculos. O uso de telemóveis e outros dispositivos eletrónicos é incómodo, tanto para os intérpretes como para os espectadores.

O TNSJ É MEMBRO

MECENAS DO TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO